

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA
EDUCAÇÃO



QUEIMADURAS EM PEDIATRIA E APRENDIZAGEM
EXPERIENCIAL DAS FAMÍLIAS

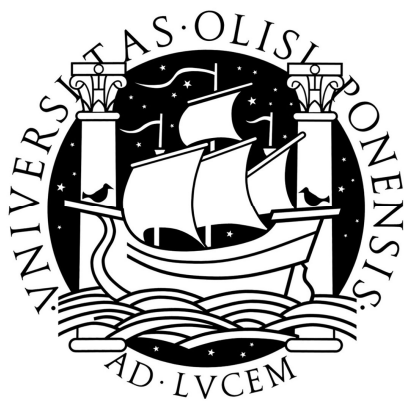
Tânia Cristina Vasconcelos de Meneses

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
ÁREA DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE ADULTOS

2007

UNIVERSIDADE DE LISBOA

**FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA
EDUCAÇÃO**



**QUEIMADURAS EM PEDIATRIA E APRENDIZAGEM
EXPERIENCIAL DAS FAMÍLIAS**

Tânia Cristina Vasconcelos de Meneses

Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, na área de especialização
em Formação de Adultos, apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências
da Educação da Universidade de Lisboa, sob a orientação do Prof. Doutor Rui
Canário

2007

ÍNDICE DOS ANEXOS

PÁG.

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS NO HOSPITAL.....	5
TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS APÓS A ALTA	61
DOCUMENTOS DISTRIBUÍDOS AOS PAIS	88
CARTA DE ALTA PARA A CONTINUIDADE DE CUIDADOS	95
FOLHETO DA “ASSOCIAÇÃO AMIGOS DOS QUEIMADOS”	98

ANEXOS

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS NO HOSPITAL

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA REALIZADA COM CATARINA

Nomes Fictícios	Catarina (mãe) Sofia (filha de Catarina) Patrícia (irmã gémea de Sofia)
Data da entrevista	16 de Fevereiro de 2006
Hora de início da entrevista	17:35
Duração da entrevista	38 minutos e 46 segundos
Local da entrevista	Sala de Reunião do Serviço de Cirurgia Geral

- E então como foi o acidente? Como aconteceu o acidente? O que é que fizeram após o acidente?

– Bem... a Sofia estava na cadeira de comer porque ela tem dez meses e ainda não anda, mas estava demasiado perto da mesa da cozinha, e tem uma tomada não muito perto, mas relativamente perto, mais ou menos á distância do nosso braço perto dela. Portanto, estava um fervedor de água daqueles eléctricos, a ferver e eu não sei se já tinha acabado de ferver, se não tinha, não sei precisar, tudo aquilo aconteceu muito rapidamente, ela consegui se esticar e empoleirar muito rapidamente em cima da cadeira, não sei como e puxar o fio. Nós não vimos. Foi puxando, foi puxando, aquilo caiu em cima da mesa e como ela estava encostada á mesa, a água resvalou toda para cima dela. E apanhou-lhe todo o membro superior e inferior do lado direito. Pronto foi assim. O pós foi tirar-lhe o babygrow, ela estava de babygrows, ela tinha acabado de tomar banho e amandar-lhe um balde de água pra cima literalmente, foi isso. E pronto ir a correr para o hospital mais próximo, neste caso nos somos do Montijo, fomos para o hospital do Montijo onde eles fizeram os primeiros socorros e depois puseram-nos numa ambulância logo para aqui directamente.

- E já alguma vez tinha acontecido uma situação semelhante?

- Não, nada, foi a primeira vez.

- E como é que foi transmitida a informação? O que é que lhe disseram antes, mesmo no Montijo, e quando veio para aqui?

- É assim, no Montijo não conseguiram precisar, fizeram apenas os primeiros socorros e não precisaram mais nada, se era queimadura de primeiro, segundo, terceiro, não, não disseram nada. Assim que eu cheguei aqui, checkaram a situação, como ela na altura quando entrou tinha nove meses, como era considerada um bebé ainda, não puderam fazer a raspagem, eles fizeram a raspagem foi só aqui, não é, eles lá puseram compressas com água,

com betadine e etc. e outras coisas que eu não conheço, tive que assinar uma autorização para o bebe fazer anestesia geral, portanto fizeram uma anestesia geral, e aí sim, fazendo o processo enquanto ela estava no bloco, explicaram-nos que iam fazer uma raspagem, depois a partir daí iam ver que tipo de queimadura é que ela tinha e o que é que ia acontecer daí para a frente. Pronto disseram que ela tinha queimaduras de segundo grau no braço eram queimaduras de segundo grau um pouco mais profundas, explicaram que aplicaram umas placas que eles chamam aquacel que é para protegerem e cicatrizar a pele, e á medida que a pele deles vai nascendo e cicatrizando o tal aquacel vai encolhendo, eles vão cortando ou então tirando como se fosse uma crostazinha e que depois sobre aquela pele como se fosse a primeira camada, não é? Pronto, e depois a partir daí todos os dias é um dia de cada vez e eles explicam de cada vez que vamos fazer o penso, nunca nos dizem quando vamos ter alta, aqui é um dia de cada vez, a placa [aquacel] pode aderir, pode não aderir, pode ser que infecte ou não infecte, no caso da Sofia, temos tido sorte, não há necessidade de fazer um enxerto, mas também nos falaram nisso, a queimadura, se aquela placa, o aquacel não aderir e tiver que ir para enxerto, significa que a pele morta, a pele branca não cai por si só, e tem que ser obrigada a cair e tem que pôr outra pele e que o processo quer dizer que as queimaduras são mas profundas. Para já está tudo a correr bem, está tudo a cicatrizar por si, já estamos cá mais ou menos há uns 20 dias, mas estamos certos que iremos em breve

- E quem é que lhes foi dando essa informação toda?

- É assim nós temos aqui vários médicos, a primeira que nos explicou, Dr^a Margarida que foi a médica que fez a raspagem á Sofia, e depois temos aqui dois médicos na unidade de queimados que estão sempre cá todos os dias, normalmente, não podem ter que assistir ao penso ou não, mas vão ver as indicações ao processo de cada doente, isso eu já percebi, e vão todos os dias de manha falar connosco ao quarto por volta das 8 e meia, nove horas passam o Dr Alex, passa e explica, o processo de cada doente, quer o soro quer o que está prescrito, mesmo quando não está presente, explica que ou vou fazer penso ou não há necessidade de fazer penso que está tudo a cicatrizar bem, e noto então muito menos, se a criança teve febre durante a noite se não teve, o que é que se faz, outras coisas que ele falou na outra vez , portanto há aqui um pequeno ponto de informação, depois é tudo passado para o dossier deles, e é assim.

- E em que é que tem ajudado, o que é que a mãe pode fazer no serviço...

- É assim, eu, disseram-me aqui há pouco tempo, que não fazia a mínima ideia, que antigamente a unidade de queimados não tinha, os pais não podiam estar presentes sequer, portanto, não dormiam cá, acho que havia uma visita diária, digamos assim, mas não era permitido os pais dormirem, andavam todos de bata, com a situação do queimado, graças a deus, já não acontece isso, não é?

Eu acho excelente, porque nós podemos ser uma ajuda, principalmente no caso em que as crianças são pequenas. Primeiro porque as crianças não estão habituadas a outro tipo de pessoas, embora esteja mais perto dos pais, estas condições eles também não estão habituados, os quartos com outras crianças, etc, mas, o facto de terem com uma pessoa que eles conhecem, é uma ajuda pra tudo, prós pensos, pra tudo, porque eles entram em pânico com toda a gente que usa farda, desde os voluntários aos enfermeiros, eles não conseguem perceber. A minha aos quinze dias já consegue perceber a cor da bata das auxiliares, já é as pessoas que lhe dão papa, já, pronto, já tem essa percepção, mas pronto, acho que é importante os pais estarem aqui para tudo na equipe, também é importante, porque ao menos diariamente nos vão dando as explicações que nós queremos ouvir, por exemplo no meu caso não me interessa saber se a Sofia tem alta ou não tem alta, já não é isso, eu gostava de ir com ela pra casa, mas quero que ela vá pra casa boa. Não é chegar a casa e ter uma febre, um penso que está mal feito ou sujar um penso e ter que vir a correr aqui para o hospital. prefiro que ela vá pra casa já com a pele dela, mesmo que seja com ligaduras, mas que me digam que não há perigo de infecções, que não há nada, e eu acho que eles aqui na unidade de queimados têm muito cuidado. Apesar das crianças irem mais cedo pra casa, não acho, pronto que eles nos dizem, mas acho que até pelo menos a pele nova nascer, não mandar ela pra casa, que já aconteceu crianças que vão pra casa queimadas na cara e etc, e depois as mães expõem-nos todos ao ar e entram uma semana depois com infecções e tem que fazer enxerto, portanto. As condições aqui são impecáveis.

- E o que é que lhe deixam fazer?

- Aí, deixam-me fazer tudo. É assim, a única coisa que a gente não pode fazer é escolher a comida pra eles ou trazer comida de casa, de resto podemos estar ao pé deles, damos-lhes o banho de manhã, portanto, eles fornecem-nos apenas as coisas, o equipamento e isso assim e nós fazemos tudo, desde o mais básico ao mais complicado. Podemos entrar os dois, os dois pais podem entrar na sala de pensos e colaborar, e ajudar, não nos deixam por o penso obviamente porque não sabemos mas é tudo criança estar mais calma, tudo isso eles nos deixam fazer... portanto, com as visitas eles ate são bastante benevolentes e deixam vir uma pessoa substituir os pais quando a gente precisamos e vamos trabalhar, pode vir uma pessoa passar a noite com eles, essa pessoa pode passar o dia todo com eles. Lá está, preferem que esteja sempre alguém que conheça a criança, mas podemos fazer de tudo, de tudo, de tudo. Se precisarmos de ajuda por alguma razão, também temos sempre alguém que nos dê ajuda, ou porque vem uma tia e não sabe andar no bar. E é preciso ajuda para dar o almoço, ou o jantar ou seja o que for, portanto, eles ajudam em tudo.

- E costumam pedir a quem?

- É assim, podemos pedir a uma auxiliar, pró que precisamos de imediato, cada dia há uma burocracia diferente como eu costumo dizer. Há coisas que a gente pede às auxiliares num dia e no dia seguinte já querem que a gente peça às enfermeiras, para serem as enfermeiras a pedir às auxiliares. Portanto nós pedimos a alguém e esse alguém ou dá-nos a ajuda necessária ou então irá pedir autorização a outro alguém para que nos forneça essa ajuda. Aqui em termos de hierarquia esta um pouco complicado aqui dentro, mas pronto, o que interessa é que no fim nós temos aquilo que precisamos. Mesmo ao nível da alimentação, a criança não gosta, não está habituada a não sei quê, ou já prefere comida até, como a dos adultos, não comida passada, eles têm cuidado e mandam vir uma dietista so para dar aaah, para fazer uma prescrição o que pode ser e não pode ser consoante a situação medica que está a ocorrer e o diagnóstico sobre o que a criança tem, se saiu do bloco operatório se não saiu, eles lá tem os cuidados deles e fazem o que é preciso. E dão e trocam a ementa e não sei quê, no caso da minha não tem sido preciso, mas quando falar com outra mãe vai perceber algumas complicações nesse aspecto [risos]

- E a quem é que pede o quê?

- O quê como?

- Quando precisa de alguma coisa a quem é que pede...

- É assim, isto é muito simples. Por exemplo, de manhã se eu preciso de alguma coisa, se tenho alguma urgência a nível de pensos, a nível de febre, se tem um febre, se tem não sei quê, portanto eu chamo a enfermeira, nem sequer vou á sala dos enfermeiros. Se for alguma coisa do banho, falta-me uma toalha, falta-me um bibe, etc. e tal peço á enfermeira. Depois também depende se é durante o dia se é durante a noite. Por exemplo, se o lençol da cama está sujo, se vomitam a cama durante a noite, eu chamo sempre é a enfermeira. Não chamo a auxiliar, chamo a enfermeira e ela depois transmite á auxiliar e a seguir a auxiliar... se realmente for uma auxiliar a passar e se for preciso fraldas, preciso dum bibe, preciso de não sei quê, peço á auxiliar e ela vai buscar. Portanto, há determinadas coisas que eles não se importam de ser eu a ir buscar. Por exemplo um resguardo, é preciso não sei o quê, a auxiliar ou a enfermeira têm um carrinho aqui cheio de material para ir buscar, nós mães não temos autorização, como é obvio vamos lá e tiramos o que precisamos porque também não há controlo por parte deles, pronto! Mas aí as sras enfermeiras e auxiliares sabem o que é preciso. Se for uma cama, se for um chão que está vomitado, se for não sei quê, se for durante o dia vou á procura de uma auxiliar, há sempre por aqui alguma, aqui neste corredor, se não peço á enfermeira e ela transmite.

- Então e como é que você, por exemplo, alguma informação que precisa, alguma duvida que tenha para esclarecer...

- É assim, haaa, como eu lhe disse durante as manhas há sempre um médico, não é? O médico passa, ou tiramos as nossas duvidas com o médico, também temos uma doutora fisioterapeuta que vem normalmente ver os pensos, se estão bem colocados, se estão dobrados, se o braço está bem se o da perna está correcto, se não sei quê, se pode dobrar, se não pode dobrar. Também explica tudo o que tem de explicar. Depois a meio da tarde vem sempre outra dr^a que é a dr^a D. que passa por aqui e também qualquer duvida pedimos. Ou então mesmo uma enfermeira que esteja a fazer o penso ou os enfermeiros que estejam a fazer o penso, são pessoas que obviamente já devem trabalhar na unidade de queimados há algum tempo, e que sabem olhando para uma ferida daquelas, que nós olhamos e esta sempre, pra nós e sempre horrível, elas sabem dizer se está com bom aspecto, se não está com bom aspecto. Portanto, também recebemos algum feed-back da parte delas, se está bom, se não está bom, apesar de obviamente o diagnostico final é dado pelo médico. Se vai ser preciso um enxerto ou não, é o médico que diz, mas o enfermeiro também nos dá as vezes, o apoio que a gente precisa, principalmente positivo, é dado, normalmente é dado pelos enfermeiros, elas abrem o penso, trocam a fralda, trocam o penso diário, ou porque se sujam o penso a comer a sopa, ou porque não sei o quê, e elas abrem na altura e dizem logo “isto está com bom aspecto” e aproveitamos para tentar saber, para tirar mais alguma informação [risos].

- E diga-me uma coisa, como é que ficou a saber da dinâmica do serviço, a que horas é que se come, a quem é que ...

- Eles quando nós entramos para internamento, entregam-nos um panfleto com tudo. Portanto um panfleto com o nome do doente, neste caso internado e depois explicam tudo, a hora das visitas, a hora da refeição, o que é que é normal e explicaram também o que era normal comer, num bebé da idade, numa criança da idade dela, o que é que era normal comer. A que horas é que comia e o que é que seria normal. Caso houvesse alguma dieta personalizada então seria diferente, a hora de comer era sempre como elas me tinham dito às sete, às dez, á uma, depois lancham às quatro, e jantam às sete da noite outra vez e bebem um biberon às dez, portanto isso explicaram-me logo. Agora o que é? E poderia variar, porque há crianças que comem a meio da manhã uma papa, há outras que bebem a meio da manhã um biberão de leite também, bebem às sete e bebem às dez, portanto. Explicaram-me a hora da visita, a hora em que os pais irem almoçar, como estamos a mais de 30 quilómetros da nossa casa temos direito ao almoço e ao jantar mas têm horários específicos para os pais e os acompanhantes, portanto tudo isso está explicado no panfleto.

- A mãe nesse caso costuma acompanhar a criança quando vai ao penso?

- Costuma ser o pai a acompanhar a criança, costuma ser o pai. A última vez fui eu mas é mais normal ser o pai.

- Costuma colaborar no penso? O que é que faz?

- Tento distrai-la o máximo possível, eles têm na sala de pensos sempre musica a tocar, o que é ótimo, têm uma série de coisas penduradas no tecto, porque há muitos pensos que são feitos deitados, têm uma série de coisas para além dos desenhos e nós estamos sentados nalguma coisinha que há lá e damos a chucha ou uma ligadura qualquer para ela brincar, portanto tudo o que sirva de distração porque as poucas pessoas que estão lá só nos querem para aquilo e mais nada e já dá muito trabalho por não sei quantas ligaduras e, depois vem mais uma, com uma coisa para colar, nós estamos lá mais para distrai-los o máximo possível, para evitar que eles chorem, não é?... Porque senão... nós estamos aqui pra tudo...

- Que tipo de coisas?

- Por exemplo nos estamos a cuidar, eles, á partida pelo que eu me apercebi, quando eu vim para aqui, eles não conhecem as crianças, não é? Pronto, ao fim de nos estarmos cá faz agora sábado uns 15 dias, já sabem que a Sofia é uma criança calma, não chora, não chora muito, se chora é porque lhe dói alguma coisa, não faz grandes cenas, não é uma criança irrequieta, portanto é uma criança que eles acham que antes do penso, se o penso calhar, imaginemos ás onze, não faz mal ela comer ás dez a tal papa que ela tem direito, há outras crianças aí que são muito irrequietas, que choram imenso que qualquer coisa vomitam, pelo menos podemos dizer não é melhor não comer ou então como no meu caso a Sofia não tem problema pode comer, não me preocupo, que nós esperamos que ela acabe de comer e fazemos o penso a seguir porque sabemos que ela enervada e a chorar não vai vomitar, porque ela não se enerva, pronto. Têm cuidado também...

- E como é que foi o convívio com os outros pais no quarto? Do que é que falam? O que é que fazem?

- É assim, ao fim de quinze dias já falamos com maior prazer, falamos da família, falamos, brincamos um bocadinho com a situação, a primeira abordagem foi um bocado estranha, não é? Estamos com pessoas de estratos sociais diferentes, pessoas ás vezes que nós sentimos que são completamente diferentes de nós, algumas até têm dificuldades para entender, são pessoas negras e só falam crioulo ou falam mal dos deficientes, e temos assim alguma dificuldade... mas, nós por acaso temos mantido mais ou menos as mesmas crianças naquele quarto, obviamente que agora estamos habituados e como

costumo dizer somos todos amigos, e eu acho que acontece durante a primeira semana, serve para nos integrarmos, falamos de tudo, esquecemos o que aconteceu e serve para ver, sobretudo quando olhamos para os filhos dessas pessoas, que há crianças piores que as nossas. Que é o que eu costumo dizer, então encontram-se essas pessoas, aquelas ali ao lado..., ou entrou um que a gente sabe que é pior e deixou de ver, não nos podemos queixar, serve um bocado para a gente não chorar no nosso canto porque temos vergonha de estar a chorar á frente dos outros, não é? Pelo menos passa-se isso comigo... e ajuda, ajuda, mesmo durante a noite, está uma noite calma e eles estão aos berros e não param de chorar e não se consegue por ordem, conversamos e é diferente. Claro que essa confiança não se ganha nos dois primeiros dias, não é? Ganha-se ao fim de algum tempo mas é bom, é bom, serve para desanuviar, hummm...

- Serve de apoio?

- Serve, é assim nós quando entramos, quando uma criança é internada, pelo menos a minha nunca tinha sido internada, nem eu nunca tinha sido internada claro que quando eu entrei aqui apesar de tudo achei isto muito agradável, é as paredes pintadas é não sei o quê, não é uma coisa que me choque. Até é bastante agradável brincam com os miúdos e tudo, o pessoal é fantástico brincam com eles seja uma auxiliar, seja a senhora da limpeza, e metem conversa com os miúdos e agarram-nos ao colo, e vai lá aquele e agarram-nos ao colo, e não sei quê, e pelo menos nesse aspecto ajudam, hamm... eu ia a dizer qualquer coisa que já não me lembro... áh! Nós nos primeiros dias quando somos internados ficamos sempre assim... o meu filho quando foi internado estava habituado a dormir sozinho num quarto com silencio e agora vai dormir num quarto com quatro crianças, com mais três crianças, aliás. Eles são quatro, se uma qualquer berra, esta vai acordar não é, ficamos a pensar que não vamos conseguir dormir nestas condições, eles não vão conseguir dormir nestas condições e ninguém vai descansar. A primeira coisa que nos disseram, os outros pais, aliás até foi uma auxiliar que nos disse foi, não se preocupem que as crianças adaptam-se a todas as situações, vocês é que se calhar nunca se vão adaptar, como dormem num cadeirão, não têm melhores condições pra dormir, não é? Mas eles adaptam-se, tanto que eles vão sair daqui habituados a dormir com outras crianças aos berros e é verdade três dias depois, os pais é que não dormem [risos...] e eles dormem. E o conversar também, portanto, não só dessas coisas, dessa coisa da auxiliar mas também os outros próprios pais, sobretudo aqueles quando nós entramos e eles já cá estão há uma semana e nós entramos fresquinhos como aconteceu comigo haaa, por exemplo a mãe da Joana colocaram-na em frente conversou logo comigo e explicou-me o que ia acontecer como é que era, eles já sabiam um bocadinho de queimaduras, e mais ou menos sobre o processo e nesse aspecto, por elas digamos assim, portanto há todo um apoio, todo o apoio necessário foi dado pelos outros pais, sabe-se lá como...

- E que dificuldades é que sentiu desde o internamento da sua criança, ou seja desde que ela foi internada até este momento? Quais foram as suas maiores dificuldades, o que é que sentiu?...

- Mas em termos pessoais?

- Em termos pessoais, a nível do hospital, com a criança...

- É assim, eu não tenho sentido a nível do hospital, assim mmmm grandes dificuldades, a única dificuldade, a única coisa que me custa é porque a minha filha tem uma irmã gémea, e não me deixam entrar com a outra como é obvio, porque é uma unidade... porque eu percebo porquê, pronto, porque é uma unidade restrita, e é reservada, porque eles não querem porque é uma cirurgia pediátrica e não recebem visitas de crianças com menos de oito anos, muito menos para a unidade de queimados, pronto, é a única coisa que eu as vezes reclamo, mas porquê? A gente só vai entrar dois segundos, não faz mal, mas eles pronto têm as razões deles, têm as regras deles e nós temos mais é que respeitar. É a única coisa que me custa, porque de resto nadinha, mesmo com os pais que entrarem, nos supostamente temos um horário de entrada e de saída, ou por outro lado sai um pai á noite, ou um pai ou a mãe, mas eles têm um horário, por exemplo até ás nove a pessoa que não vai cá ficar á noite tem que sair, portanto a partir dessa hora têm que sair, e ás vezes ficamos cá até ás onze e não sei que, desde que sejam os pais, os dois eles não dizem nada. Nem chama á atenção nem nada, por exemplo ás vezes há pais que saem do trabalho e chegam mais tarde e vem substituir a mulher ou o marido, mesmo que seja mais tarde eles não dizem nada...

- E em termos pessoais sentiu alguma dificuldade?

- Não! Não!

- Em termos, relativamente com a criança ...

- Não! É assim a única coisa que acontece agora, mas eu acho que não há problema, as crianças obviamente vão sair daqui muito mais mimadas e isso nota-se, não é? Porque estão habituadas a acordar e ver uma pessoa ali e têm uma mãe ou um pai disponíveis só para eles a toda a hora e a todo o momento, porque a vida delas é isto, é o berço e andar uns bocadinhos no chão, e mais nada e pouco mais e estão confinadas àquele quarto e aquele espaço e isso nota-se, estão muito mais mimadas muito mais rebeldes, mas pronto estão no seu direito, também estão fartas de estar aqui nestas condições. Mas é a única coisa, de resto, nada.

- E como é que a família, os amigos têm acompanhado o internamento? Têm-na ajudado? De que forma?

- Têm, é assim, tem ajudado em tudo, tudo o que eu preciso, preciso de uns cotonetes, preciso de não sei quê, a pessoa mais próxima vai comprar e vem cá. E pronto também vêm na hora da visita, muita vezes conseguem conciliar pra que eu possa ir almoçar têm o cuidado de vir sempre alguém ou às duas da tarde que é a hora das visitas, começa às duas, vêm pra cá e vamos nós os dois almoçar também pra tirarmos um bocado isto da cabeça, no que respeita ao nível familiar temos tido todo o apoio. Desde uma compra de ultima hora que é necessário fazer, tudo, tudo, tudo. E eu então ainda mais que tenho outra filha, [risos] se não fossem os meus pais, o meu pai e a minha mãe, não sei o que seria...

- E como é que lidou com o facto da sua menina ter ficado internada?

- É como lhe digo, eu tive, é um choque no dia em que ela fica cá, não sabemos como se desenvolve uma queimadura, nós vimos tudo a acontecer, mas depois passado umas horas tudo fica diferentes, digamos assim, o aspecto e tal, e eu não vi, portanto não vi... não é como o enfermeiro que olhou pra saber se ficaria cá internada ou não, pra ver o tipo de queimaduras, não disse nada na altura antes de ela ir para o bloco, disseram-me que era necessário uma raspagem, so depois é que me explicaram tudo. E pronto e quando me disseram “ele vai ficar cá internada” obviamente é um choque em todos os aspectos, ela vai ficar internada é porque é mau, não é? É porque não é uma coisa boa, e depois ainda por cima não tenho cá nada, e agora vamos cá ficar, e no meu caso o emprego foi assim um bocado coiso, nem jantar nem nada, nem pra ela nem pra mim, nem pra ninguém, ela é obvio estava assim um bocado aluada, eu cheguei aqui, aterrei aqui digamos assim, e fiquei extremamente aturdida. No dia seguinte, eu e os outros pais, é o melhor, continuo a dizer, eu acho que eles estão aqui muito bem e tudo, primeiros são bem tratados, também se não fossem nós não gostávamos que eles estivessem aqui, são bem tratados. E segundo em termos de alguma febre, de alguma coisa, porque há nestas coisas há sempre, a gente nunca sabe o que acontece amanhã e eu acho bem estar aqui, quer dizer custa-nos a nós mas às vezes até costumamos brincar com a enfermeira perguntar se não podemos sair de precário, dizemos nós, porque é que a gente não sai as nove, vamos dormir a casa e voltamos amanhã às oito da manhã. [risos] porque o que nos custa muito, a nós pais é mesmo é dormir, digamos assim porque é incomodo, porque nunca mais conseguimos dormir a acompanhar outras crianças aos berros, e a chorar de dores, eles habitua-se mas nós não, nós acordamos no dia seguinte com uma enorme dor de cabeça [risos] e a pensar porque é que isto só acontece comigo, mas para a criança é o internar é o que nos está a perguntar acho que é o melhor, foi um choque só por saber que isto está mesmo mal, na altura não sabia de que grau é que era, que estava mesmo mal. Depois na altura eles explicam, foi só o choque inicial do internamento.

- E que alterações é que a queimadura trouxe para o seu estilo de vida e para o estilo de vida da criança

- É assim a essa pergunta eu ainda não sei responder, pelo que já me explicaram, quando me disserem “vai ter alta hoje” alguém vai vir falar comigo e dizer o que é que a Sofia vai poder fazer, o que é que a Sofia não vai poder fazer, a fisioterapia, vai ter que vir á fisioterapia, durante quanto tempo, se vai poder ir até á praia, se não puder, com certeza não vai poder, eu ouvi eles dizerem aos pais dos outros, quanto tempo é que não vai poder, portanto eu a nível de alterações não sei dizer, porque eu, a minha vida agora é isto e mais nada. [risos]

- Neste momento o que é que acha que, em termos da sua mobilidade, de tudo, o que é que acha que trouxe de alterações para a vida da sua filha e sua?

- É assim, para a vida da minha filha, a minha filha está confinada a um espaço muito pequenino e tudo é diferente, não é? Vão-lhe acontecer coisas más, coisas boas, não é? Mas, coisas que se calhar já estaria mais adaptada e eu comparo porque tenho outra da mesma idade e vejo a outra muito mais desenvolvida e esta não, mas, e noto muito atraso em termos da vida dela aqui, eu tento dar tudo o que tenho em casa, as loções, os biberões que ela gosta e aqui não tem outro biberão, é quase impossível a gente trazer o que tem em casa digamos assim, ou esfregar os biberões, ou assim, a gente aqui não tem ninguém e tem que levar os biberões pra casa. Para mim, eu como tenho que fazer essas coisas esterilizar o biberão e ir a casa de vez em quando, eu pra descansar o pai vai dormir á noite, para eu dar um pouco de atenção também á minha outra filha é o pai que quando pode por vezes temos de nos revezar, mas de resto passamos por assim dizer aqui o dia, o dia inteiro aqui os dois praticamente. É assim, portanto deixei de trabalhar, deixei de trabalhar não, portanto fiquei de baixa e estou a acompanhar aqui a minha filha, a única coisa que mudou foi isso. Pronto, e não poder acompanhar o crescimento da outra é assim...

- E acha que o futuro da sua menina vai ser diferente por ter sido queimada...

- Não acho que não, eu acho que não, é assim o futuro pode ser muita coisa, mas acho que não haaaa... já tive algumas conversas com uma fisioterapeuta, hoje em dia os queimados digamos, essa área evoluiu muito, eles próprios dizem que para além da fisioterapia, para além de toda a parte médica que tem de ser o pessoal medico a fazer que nós não sabemos fazer, o acompanhamento obriga-nos a uma certa organização, um certo

acompanhamento por parte dos pais, eles próprios á noite a fazer uma certa fisioterapia a um braço ou a uma perna, um pé seja o que for...etc. e tal, colocar as talas, os protectores solares, quer de Inverno quer de verão, porque neste primeiro ano em principio não poderá apanhar raios solares não é? Porque pode agravar, é mais por causa da marca por causa do aspecto físico, digamos assim, de resto acho que não vai alterar nada na vida da criança. No caso não tem queimaduras de 2º grau profundo e vai cicatrizar portanto, mas agora há aí crianças com queimaduras profundas e que tem que levar pele de enxerto e irão cá ficar internadas muitas vezes e que vão sofrer uma série de plastias, etc. e tal, que nós nunca sabemos se temos que fazer ou não, é que num queimado, pelo que me explicaram também a pele, a própria pele pode num enxerto não esticar num membro qualquer que esteja afectado, no caso da minha foi num membro e pode não esticar na totalidade, portanto não acompanhar o crescimento da criança. Em principio não deve ser isso que vai acontecer, normalmente no caso dos enxertos é mais normal que isso ocorra. Portanto a pele que foi tirada de um sítio pra por noutro, aquela pele digamos apesar de ter o mesmo aspecto é uma pele falsa e pode não esticar com o crescimento da criança, não é? Porque elas agora estão numa fase de crescimento. Mas por outro lado o que me preocupa eles aqui explicam que são crianças e que a pele restabelece-se muito mais depressa que fosse num adulto, nós queimamo-nos numa perna ou seja no que for queixamo-nos da queimadura, eles é diferente, mas de resto... ela vai ter que fazer, como toda a pele normal queimada ou não queimada, não a vejo... Está toda inteira na mesma e isso é que interessa, não ter sido cortado nada como uns coitadinhos que aí ficam sem alguma coisa, a minha não, não vejo alterações no futuro dela.

- E o que é que ficou a saber, assim que não sabia anteriormente sobre as queimaduras?

- Áhhh, é assim, muita coisa. Primeiro que as queimaduras, eu já tinha uma série de ideias, a tal ideia de pôr manteiga, pôr não sei quê, não sei que mais e no final é só agua, isso até tivemos uma boa acção porque realmente o que fizemos com a Sofia foi mandar-lhe uma coisa de agua pra cima e pronto e despi-la o mais depressa possível, foi o que fizemos. De resto é tudo, esta parte do enxerto, eu nem sequer sabia que o enxerto era um processo normal numa queimadura, normalíssimo! Nos quando falamos dos enxertos pensamos sempre, “meu deus! é uma operação, é uma anestesia, é uma recuperação”, é uma coisa muito horrível para levar um enxerto, e não é nada disso. Eles explicaram-nos aquilo que eu acabei de dizer, que é: a própria pele nova que nasce, a criança pode ter uma queimadura normalíssima vem a pele nova a nascer, não se faz nada de anormal e a pele pode nascer muito enrugada e atrofiar o membro, seja ele qual for e aí pode ter que levar um enxerto também. Depois o enxerto segundo me explicaram pode infectar, pode não infectar eu nem sequer sabia que a própria pele da pessoa é enxertada, por outro lado podia não ser aceite pelo corpo do indivíduo. Portanto essas são as coisas novas todas que aqui aprendemos, não é? Não tanto como precaução, não vejo mais como ensino médico, porque precaução é atirar a agua pra cima das

crianças e mais nada, portanto, não nos vai ensinar como é que devemos evitar, porque nos também vamos tendo a nossa lição de vida, como eu costumo dizer... já sabemos que se a cadeira de uma criança que está mais perto do fogão, como acontecia com a minha outra filha, vai tudo para a janela, pronto isto aqui é uma lição de vida, o resto que aprendemos é mais os procedimentos médicos a nível do enxerto, a nível de todo o processo de uma queimadura, que as queimaduras, que a pele volta a ficar toda branca, coisas que eu desconhecia na totalidade. E depois vamos aprendendo, vamos vendo, não é? á medida que vamos vendo também os pensos. Eu a partir de ontem estive a fazer de pai, assisti aos pensos, que até lá nunca quis ver... agora pronto é um processo normal, e agora estou na expectativa de ver descolar a tal placa que eles chamam aquacel, para ajudar a cicatrizar. Nem vi como é que aquilo reagia, agora já sei que aquilo vai descolando, é um processo engraçado. haaaa

- E em termos de prevenção, já tinha ouvido falar alguma vez sobre queimaduras?

- Eu tirei um curso de socorrismo, portanto eu não estou muito á parte disto, haaaa, em termos de prevenção prá queimadura, está a perguntar logo o que é que se deve fazer na queimadura?

- Não, para prevenir, já tinha alguma ideia, já tinha ouvido falar?

- Não, é assim nunca tinha ouvido falar... o prevenir acho que nasce com cada um de nós, evitar que os nossos filhos mexam numa tomada, há determinadas coisas que nós já sabemos, por amigos, etc, “olha agora vai começar a andar, vai começar a gatinhar, não te esqueças de proteger as tomadas”, isso está tudo protegido lá em casa, não é? por acaso nunca tive nenhum caso na família de alguém que se tenha queimado. Assim ou de outra maneira qualquer, pronto. Portanto, lá está, é uma coisa que a pessoa às vezes não tem tanto cuidado, a gente tem que ter seis olhos, porque elas são duas e mexem em tudo, mas pronto, não é desculpa, a tomada onde estava aquela cafeteira até estava protegida, a tomada e ela puxou aquilo tudo, nunca imaginei que ela conseguisse puxar uma cafeteira cheia de agua pelo que eu vejo aqui e muito menos empoleirar-se numa cadeira. Já sabemos que as crianças fazem tudo e quando contámos ao médico ele deu-nos um ralhete: porque “não sabe que há cancelas pra se pôr na cozinha?”, “não sabe que as crianças não podem entrar na cozinha?” e eu fico assim: então mas as cadeiras de comer servem para quê? Não é prás crianças comerem? [risos] Temos assim uma certa ideia que agora vamos... digamos eu, eu já sei que vou ter mais cuidado que nessas coisas... por exemplo agora o fervedor deixou de existir, meto agua da garrafa e aqueço no microondas e acabou que era pra isso que servia, pra pôr agua esterilizada num termo... há determinadas coisas que vão acabar... mas prevenir, prevenir acho que temos necessidade, infelizmente é assim, depois de casa arrombada trancas na porta, é verdade!

Eu tive sempre as minhas filhas, que gostam de dormir com uma fralda de pano, eu tenho tido sempre o cuidado até hoje, de durante a noite tiro-lhes a fralda de pano, porque sei de uma pessoa amiga que a criança faleceu enrolada á procura da chucha porque ficou com a fralda de pano, mas é por isso que eu tenho o cuidado, porque sei que aconteceu isto assim, assim, e vou ter esse cuidado. Em relação ás queimaduras infelizmente nunca tinha pensado, há coisas que a gente nunca pensa, é assim! E a partir de agora olhe! Vou ter mais cuidado... mas estive a pensar mas acho que é só mesmo ter o cuidado básico, que é o normal, que toda a gente faz... é comprar um quarto que não tenha arestas vivas, que não sei quê, porque é o mais corriqueiro acontecer, que as crianças partam as cabeças e fazem isto e fazem aquilo, e apanham choques com as tomadas, mas há coisas que nunca nos passa, nunca a gente pensou...

- Só mais uma perguntinha: falou-me que os pais, que conversavam com os pais, o falar com os pais, o saber da situação de outra criança, trouxe-lhe também alguma informação por assim dizer em relação á sua?

- É assim, traz, por exemplo cada caso é um caso, não é? Nenhuma criança que eu conheça aqui os casos se queimou da mesma forma portanto, nós, eu acho que aprendemos mais em termos de prevenção, portanto, falando uns com os outros, porque estivemos a ver o caso de uma criança que se queimou porque tinha um cachecol atado ao pescoço, ou qualquer coisa assim, e estava a brincar com o isqueiro do carro, a mim nunca me passou pela cabeça que o isqueiro do carro, que é uma coisa que só encostando lá muito tempo é que realmente acende o cigarro, não é? Calculo eu, eu não fumo [risos] não é? Mas a gente sabe que é assim, portanto não tem chama como um isqueiro normal, digamos assim, como é que uma criança põe aquilo ao pé do cachecol e o cachecol sim, que é inflamável queima a criança toda, prontos, são coisas que, que uma pessoa depois começa a pensar, isqueiro do carro não, nunca vai mexer na vida porque a gente não vai deixar, agora pensamos assim! Por exemplo, outra porque a mãe sem querer com a sopa ou tropeçou nalguma coisa e caiu sobre a criança etc e tal, aprendemos assim, por isso é que eu estou a dizer a Sofia tinha a cadeirinha de comer encostada a uma mesa e a Patrícia, a minha outra filha tem a cadeirinha de comer, agora no meu ver, se calhar o fogão está ali, mas está muito perto do fogão, se eu for tirar alguma panela do fogão porque sei que ela está ali e se tropeçar nalguma coisa vai pra cima dela de certeza, não é? Portanto a cadeira vai sair dali de certeza! Eu acho que nestes aspectos que nós aprendemos, aprendemos a evitar que aconteçam coisas aos nossos como aconteceram aqueles pais. Portanto é mais por aí, e depois é o apoio que nós temos uns dos outros, porque há sempre alguém que, eu não tenho o hábito de chorar, não é? Mas tenho a certeza que há ali pessoas que, no meu quarto, que são mais de ir a baixo, são mais sensíveis, pra eles isto é um desastre, é uma coisa que nunca devia ter acontecido... ainda hoje estive aqui um padre e nós ficamos de transmitir-lhe, quer muitas das vezes a brincar a dizer que pagamos o hotel pra 3 semanas, que não sei quê, coisas assim, mas pra divertir a pessoa em si e também pra mostrar ás pessoas que é assim, o passado já lá vai, temos é que pensar no

futuro e pensar em tratar os nossos filhos devido á queimadura, não é? Porque isto pode não acabar aqui, como lhe digo, pode ser necessário outra coisa, pode ser necessário marcar por exemplo, agora uma intervenção plástica, pode ser muita coisa, há muitas bridas que pode fazer e etc e tal, pronto! Não é, queimou-se e pronto já está bom... não, não é bem! No caso dos queimados já sabemos esse o feedback por parte de algumas pessoas, não é assim, não acaba aqui e por isso é que temos que vir cá na segunda...

- E como é que foi aqui a relação com a equipe

- Não, é excelente, eles são... é assim, são pessoas que explicam tudo, todos eles, mas todos, todos... quer desde a pessoa que limpa o chão até á enfermeira chefe, até aos médicos, etc. Todas as duvidas que nós temos, eles explicam... Claro que há muita coisa que eles não nos podem dizer, não nos podem dizer “olhe, vai ter alta daqui a oito dias”, não, não podem! Como sabe isto é um processo longo, não é, e cada dia é uma dia, não é hoje a ferida pode estar a cicatrizar bem, amanhã pode ter uma infecção, nós nunca sabemos, tanto que eles próprios nos dizem isto quando entramos, mesmo sem saber os dias, vai cá estar muito tempo, cada dia vai-se passando, cada vez eles nos vão explicando mais coisas: “sim senhor, está a cicatrizar bem, em principio se tudo correr bem sai no dia X”, mas nunca nos dão certezas, aqui baseamo-nos sempre nos princípios, mas toda a gente nos ajuda em tudo, explicam-nos e são impecáveis e muito brincalhões, mesmo com as crianças são pessoas que trabalham nisto há N tempo, não é? Mesmo com as crianças, dedicam-se á criança, muitas vezes é difícil, como eu estava a dizer, ir á casa de banho que é já ali ao fundo, mas é difícil, a casa de banho está sempre cheia de gente lá ao fundo, a nossa criança é sempre uma criança chata, está sempre a chorar, há sempre uma pessoa limpa o chão que, uma auxiliar, alguém que faz as camas, que agarra e faz e trata das coisas, são impecáveis.

- Obrigado, agradeço a sua disponibilidade e até breve...

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA REALIZADA COM CRISTINA

Nomes Fictícios	Cristina (mãe) Joana (filha de Cristina) Catarina (mãe de Sofia e colega de quarto de Cristina)
Data da entrevista	17 de Fevereiro de 2006
Hora de início da entrevista	16:40
Duração da entrevista	41 minutos e 17 segundos
Local da entrevista	Sala de Reunião do Serviço de Cirurgia Geral

- Como é que foi o acidente da sua criança? O que é que aconteceu? O que é que fizeram?

- Foi há três semanas e dois dias, foi em casa. Fiz a sopa, normalmente como faço sempre, com ela na cozinha, e achei que a sopa estava muito grossa e ia deitar mais um bocado do caldo da sopa, quando ela veio e me empurrou, empurrou-me as pernas e a água, em vez de cair para dentro do copo onde eu ia passar a sopa, caiu para cima dela. Cara, pescoço, braço e um bocadinho do peito. E pronto, e depois foi o pânico total, não é? Eu não sei onde é que fui buscar forças mas ainda consegui despi-la, que ela ainda vinha com a camisola, tinha acabado de a preparar para ir sair com o pai depois do almoço. E despi as camisolas e pôr água fria na cara. E foi só o que eu fiz. E pegar nas coisas dela, o que vale é que o meu marido estava cá, era o primeiro dia de férias dele, e fomos a correr para o hospital. Por acaso não foi logo este, e...

- A que hospital é que foram?

- G. de O. E pronto, depois lá, não sei o que... eu não entrei porque estava extremamente nervosa, foi o meu marido, mas pronto, mandaram-nos para casa.

- Foram para casa?

- Trataram dela, tiraram-lhe o que tinha por cima, porque a cara dela estava sempre muito fria, como se tivesse levado uma anestesia. E mandaram-nos para casa e mandaram-nos passado três dias, para virmos à consulta. Nós fomos, na altura à hora do almoço, fomos para casa e aparentemente ela não teve dores, nesse dia, esteve sempre bem. Só que, no dia a seguir, acordou com a cara o dobro como tinha, cheia de dores, não podia mais. Eu ainda telefonei para o hospital, a perguntar se era normal e, aliás, o que me responderam foi que era normal. E pronto, depois o meu marido começou a pensar, a pensar, e disse "não, não podemos ficar em casa, vamos ter que

fazer qualquer coisa”. Ainda fomos à C., mas lá não têm unidade de queimados e de lá mandaram-nos para aqui. E pronto, assim que cá chegámos eles disseram-nos que a Joana tinha de ser internada e pronto, já não saímos daqui.

- E o que é que fizeram quando ela se queimou? Pronto, o que é que fizeram logo...?

- Logo a seguir foi tirar-lhe as camisolas que ela tinha e molhar-lhe a cara com água fria e ir embora, com ela despida e tudo. Tentei agarrar um cobertor mas foi impossível, não é? Porque... E foi o pânico, porque nós moramos na Quinta do Conde e ainda são uns 25 minutos de caminho até Almada e... é inexplicável, não é? É mesmo, aquele momento entre o eles se queimarem e chegarmos a algum sítio onde os possam socorrer é o pânico total. Nem nos passa pela cabeça, aliás se a gente (...) nem vale a pena tentar explicar porque hei-de me sentir sempre culpada, por mais que as pessoas me digam que acontece e que... Podia se ter evitado, não é? Mas... é uma coisa que se faz todos os dias e não se pensa que pode acontecer.

- E como é que foi a chegada aqui à Urgência, quem é que lhe deu as informações. No outro hospital quem é que lhe deu as informações...?

- Na C., não sei nomes... Vieram médicos, vieram enfermeiros, olharam para a Joana e nos mandaram logo embora e depois explicaram-nos que não havia unidade de queimados e para nós virmos para a H.. Mas não viemos nem com um papel escrito, nada. Só que cheguei cá abaixo às Urgências e disse: “Olhe, eu vim agora da C. e precisava que a minha filha fosse vista imediatamente”. Foram impecáveis porque a Joana foi logo vista, primeiro por enfermeiros e depois esperámos um bocadinho na sala lá em baixo e vieram médicos e que lhe fizeram logo o curativo de novo e que disseram que ela tinha que ser internada. E pronto... Foi um choque, foi um choque a notícia, não é; o outro hospital tinha-nos mandado para casa! E foi um choque tudo, por saber que ela já devia estar internada desde o dia anterior; saber que íamos ficar, isso foi um choque... Chegar ao quarto e pensar “eu não vou conseguir ficar aqui uma noite quanto mais uma semana”, porque na altura era a previsão de uma semana até termos alta. É um choque saber que temos que partilhar um quarto com pessoas que nunca vimos na nossa vida, portanto, com pessoas diferentes de nós, com hábitos diferentes. É um pânico muito grande Mas depois caí em mim e vi que estava no melhor sítio, não valia a pena estar-me a mudar para um sítio onde se calhar tinha mais conforto, mas depois faltava-me uma equipa de médicos que acho que é excelente, não é? E de enfermeiros e funcionários que acho que... eu sou muito refilona mas tenho que dar o devido valor às pessoas que têm sido impecáveis e compreensivas. Pronto e depois a adaptação ao quarto é muito melhor no meio disto tudo... Hoje, por acaso, estou um bocadinho mais em baixo. Primeiro, porque pensava que iam outra vez picar a Joana porque lhe saiu a agulha do sítio, e depois porque foi embora

a colega que eu tinha aqui dentro (...) mas fiquei assim um bocadinho abananada, porque ela dava-me muita força... pronto!

- E ficaram a conhecer como é o relacionamento com os outros familiares, com as outras crianças? Ficou a saber alguma coisa também da situação delas...?

- Ah, sim, por fim sim! Acabamos por nos conhecer todos um pouquinho, (...) dar força umas às outras. Tem que ser assim, passamos ali tanto tempo...

- E ficou a saber alguma coisa sobre a situação clínica dessas crianças...?

- Ah, sim, soube que a Sofia vai ter que voltar para uma consulta, que posteriormente... Foram assim também um bocadinho... porque não sabem se a Sofia vai ter que fazer enxerto ou não, mas pronto tem que estar até sexta-feira mas os médicos disseram que não valia a pena, até porque a Sofia tem uma gémea, e disseram que como até terça-feira não faziam nada, para ela ir para casa para o pé da mana enfim e ficou outra senhora no lugar dela, no lugar da Catarina, da mãe da Sofia, que também nos escreveu e soubemos o que é que aconteceu. E pronto, mesmo o resto das pessoas que estão lá no quarto... Está lá o Gil que é um menino negrinho que também foi fazer enxerto e que nós o apoiamos também, diz que sim. Acho que tem que ser assim um bocado, não é, porque acabamos por estar todos quase na mesma situação, uns por umas coisas, outros por outras, mas... Por isso, acho que é isso que nos dá um bocado de força também, saber que não fomos os únicos a quem nos aconteceu isto.

- E transmitiu-lhe alguma informação também, relativamente à situação da sua filha... Trouxe algum apoio, ou não...

- Não! Traz, traz, traz... E sabemos um bocadinho da história das outras pessoas, claro! Uma pessoa também fica fragilizada com tudo o que vê, não há necessidade de situações muito piores mas, começamos a pensar. Por um lado dá-nos força, não nos podemos deixar ir abaixo, mas por outro lado também ficamos tristes por ver toda esta... Eu nunca... eu sempre disse, um dia que tivesse que ir parar a um hospital eu morria. Detesto hospitais, eu ainda me sinto pior quando entro no hospital, parece... e não estava mesmo à espera que... Estive no hospital para ter a Joana e tive que entrar 2 dias antes e foi um suplício estar lá aqueles 2 dias antes... E preferia, claro, estar eu no lugar da Joana, mil vezes, claro isso é uma questão que nem se põe... Mas custa... custa, mas por outro lado lá está... Acabamos por encontrar... identificarmo-nos sempre com alguém, com umas pessoas mais do que com outras e isso dá-nos um bocado de força e esta colega deu-me muita força. Às vezes sou

um bocado pessimista e sou muito ansiosa e ela ajudou-me a mudar um bocadinho, aí ela ajudou... Chamando-me a atenção... Ao princípio não queria sair daqui, não queria ir dormir a casa e ela fez-me ver que não podia ser sempre eu a ficar aqui porque... tudo bem que eu queria ajudar a Joana mas assim não a estava a ajudar. Se eu não descansasse não ia ter forças suficientes para animar a Joana. Porque às vezes nós pensamos: ah, eles são pequeninos, não notam, mas eu aprendi que notam. Se nos vêem mais em baixo e quando choro, a Joana olha muito para os meus olhos para ver se está tudo bem e, claro, fez-me pensar... que realmente eles precisam de nós e nós somos o único apoio, se nos virem mal pior ficam... E às vezes penso... alguém que nos ponha a mão e que nos faça ver estas coisas. A pessoa (...) acaba por esquecer um bocado isto tudo e ela nesse sentido era uma pessoa muito forte e pôs-se sempre no meu lugar e eu admirava-a por isso. Mesmo por ter outra filha lá fora... eu só tenho a Joana, para mim foi tão complicado e para ela... ela tinha sempre solução para tudo e estava ali sempre firme... mas pronto...

- Então, diga-me uma coisa, acha que lhe têm dado a informação toda? Quando tem uma dúvida a quem é que recorre, quem é que a ajuda aqui no serviço?

- Eu recorro um bocadinho a toda a gente! É assim, enquanto eu não tenho dúvidas e acho que está tudo bem, pronto. Mas depois se há algum dia em que me aborreço mais ou porque vejo que não está tudo bem com a Joana... a Joana nunca esteve doente desde que nasceu, pronto, graças a Deus nunca teve nada... umas *constipaçõeszitas*, nada de especial. E quando a Joana entrou aqui apanhou diarreia, começou a vomitar; e a Joana em 14 meses nunca tinha vomitado. E ela vomitou, pronto, e claro que começou tudo a fazer imensa confusão; muita diarreia, muitos vômitos. Ah... até porque eu tinha pedido se podia trazer comida de casa, porque a Joana nunca quer comer comida daqui, Logo aí disseram que... fiquei logo um bocadinho aborrecida. Depois começou com a diarreia e os vômitos e depois eu pedi para falar com o médico, com os enfermeiros e não me souberam responder ao certo o que é que a Joana tinha. E pronto, depois falei com uma médica, por acaso. Ela não foi muito simpática para mim, já vinha de pé atrás, alguém deve ter dito... ou que eu estava nervosa, qualquer coisa, não foi muito simpática para mim e eu... Se calhar também não devia ter feito as perguntas que lhe fiz, e ela deve ter ficado um bocadinho ofendida... mas pronto.

- Mas estava a perguntar sobre...

- Por tudo, se calhar ela tem uma otite, se calhar é dentes... e eu só disse: "eu conheço a minha filha e eu sei que ela não tem nada disso, porque se ela já tem tantos dentes e nunca teve nada e não se queixa dos ouvidos, não..." Claro que a seguir se confirmou que não era nenhuma otite e não é nada disso, e eu só pus a pergunta se nunca tinham posto a questão de um vírus. Porque o

bebé que tinha estado antes tinha saído assim nessas condições, com diarreia e com vômitos, e eu e a minha irmã por acaso também fomos para casa com diarreia e com vômitos. E então claro, a pessoa põe todas as hipóteses, não é? E então estamos dentro do hospital, muito mais fácil é... e Mas a doutora não gostou da minha pergunta e, pronto... foi-se embora um bocadinho chateada. Mas, pronto, de resto.... Eu depois também pensei: “se calhar tenho que começar a ter mais calma, assim não vou a lado nenhum”. Mas pronto, graças a Deus passou, ela até teve que ficar a soro, que eu estava com medo disso, e depois a medica disse que ela ia mudar de alimentação, a sopa não é muito idêntica à que eu faço em casa e estava a ficar destreinada de comer, comer comida sólida como ela estava habituada em casa e tem resultado muito bem porque ela gosta muito e alimenta-se muito melhor. Não é preciso o soro...

- A mãe estava-me a dizer... Então, geralmente, tem recorrido aos enfermeiros, tem recorrido aos doutores...

- Sim, quando posso, mais aos enfermeiros, porque é com quem eu estou... passo mais tempo, não é? Ah, na quarta-feira a Joana foi enxertada. Eu não estava à espera, pronto! Já estávamos cá há 15 dias e sempre nos disseram, pode ser que sim mas, pronto, há uma esperança que não seja preciso porque a cara correu muito bem. No pescoço é que era mais profundo, e então foi por isso, estive muito nervosa, também não estava muito bem dentro do assunto... Os enfermeiros todos, muito compreensivos, explicaram tudo o que faziam e pronto e depois quando tive oportunidade conversei um bocadinho também com eles sobre isso. Isto foi na quarta-feira feia que ela foi enxertada. Pronto e agora tenho que esperar até segunda-feira para ver se está tudo bem, com a cicatrização.

- E quando precisa de alguma coisa aqui dentro, a quem é que recorre, geralmente?

- Alguma coisa....!?

- [...]

- Geralmente é aos enfermeiros, não é... Ainda hoje perguntei, como a iam picar outra vez, se não podia falar com o médico, porque... alguém tinha que me ouvir, que ela não queria ser picada mais vez nenhuma. Mas, pronto, os enfermeiros devem ter falado com o médico e não foi preciso eu falar, porque eles entenderam que não valia a pena estar a picar a Joana mais. Mas, geralmente, mesmo que queira chegar aos médicos primeiro passo sempre pelos enfermeiros, até por uma questão de respeito, porque não é fácil... não é tão fácil encontrar os médicos sempre disponíveis. Geralmente vêm sempre e

se eu tiver alguma dúvida acabo por perguntar... obviamente sou um bocadinho chata e gosto de ficar descansada.

- Diga-me uma coisa, aqui em que é que tem ajudado... pode colaborar, assiste aos pensos, como é que tem corrido?

- Tudo, tudo o que posso assisto! Só não tenho assistido à operação, mas isso é compreensível, mas de resto sim. Eu faço questão também de estar sempre presente, que está sempre... mas, pronto, faço sempre questão de assistir a tudo o que posso.

- E colabora?

- Colaboro, mais a acalmar a Joana. Eu por mim ajudava em tudo, não é... às vezes até me esqueço, mas pronto. Mas geralmente colaboro mais a acalmar a Joana, a agarrar a Joana.

- E aqui no serviço, o que é que é permitido fazer?

- Oh, isso nada! É uma pena. Porque às vezes, há aí um menino que está muito queimado, todo queimado e eu um dia vinha do almoço e a mãe dele passou por mim e perguntou se eu podia dar um olhinho por ele enquanto ela ia almoçar e eu já ia, de boa vontade... e ele ainda por cima está sempre cheio de comichão e eu ia ajudá-lo, mas não me deixaram. Acho que isso também tem a ver com um bocado de segurança, não poder... mais para os próprios meninos, não é? Porque como estão expostos, são coisas tão profundas... Não sei se é essa colaboração que está... Porque, sim, não posso fazer grande coisa.

- E em relação à Joana, o que é que é permitido fazer?

- Ah, Dou-lhe banho de manhã, damos-lhe o banho, dou as refeições, tudo... Estou sempre com ela. Faço tudo!

- E quando foi querer ajudar a outra mãe, quem é que lhe disse... como é que soube que não o podia fazer?

- Isso foi uma auxiliar que me disse que eu não podia. Sim, foi uma auxiliar.

- Portanto, foi tomando conhecimento das coisas que podia e que não podia, o horário das refeições... Esse tipo de informações foi dado de que maneira?

- É aos pouquinhos. Às vezes recebemos mais informação pelas pessoas que já estão no quarto... a maior parte das coisas são eles que nos dão. Mas pronto, isto também ao fim de dois dias nós acabamos por entrar na rotina e já sabemos: “ia fazer isto mas agora não posso porque vem aí o pequeno-almoço, ou vem aí o almoço, ou é a hora dos medicamentos”, e uma pessoa acaba...

- E como é que se apercebe dessa rotina?

- Estando cá... Também um bocado... se quer que lhe diga nem me lembro muito bem, mas acho que ao fim de um... É mesmo também por nós, não é, estamos cá, não é... um dia, dois dias ainda por cima os dias costumam a passar. Ao fim do segundo dia parece que uma pessoa já... acaba por ser assim, Não há assim grandes mudanças, os dias são mais ou menos iguais.

- E em relação à queimadura da Joana. Tem visto? Que informações têm sido dadas, como é que se sente em relação à queimadura, ao internamento?

- Como é que me sinto? Muito mal. Eu não queria ter nada a ver com isto, não é? e acho que nos próximos tempos não vou lidar... Mas não, em termos de explicações... Cada vez que nós vamos ao penso, há pouco tempo foi-me explicado as coisas que se vão passando, não é. Mas estava a dizer em relação a queimaduras; não sabia nada mesmo, nada de nada. E pronto, fui vendo, fui... Mas isso os enfermeiros estão sempre a explicar de alguma forma e depois quando vêm os médicos também vêm os meninos acabam por explicar um bocadinho o que é que vão fazer ou o que é que está a ser feito, ou sobre o nome dos medicamentos e as coisas que a Joana punha na cara e no pescoço e fiquei muito surpreendida com a evolução... ela tinha a cara completamente queimada e ainda hoje estou para saber como é que ela ficou limpinha. Está cor-de-rosa, dizem que há-de passar também, mas foi rapidíssimo.

[Interrupção da entrevista pela entrada da dietista para falar com a mãe]

- (...) Esta senhora é a dietista. Eles agora tinham-me mudado a papa da Joana e eu não estava a perceber porquê! Fiquei assim um bocado abanada, mas... não, ela andava a comer o iogurte natural com a bolacha e a banana e agora, desde que foi operada na quarta-feira, vinha assim uma

papa, uma coisa esquisita que nem tinha percebido o que era, mas que a Joana virava a cara. E eu só perguntei porque é que tinham tirado o iogurte. Mas esta nem sequer é a dietista com que falei desde o primeiro dia, portanto também não faz mal. Também é pouco importante (...) até parece que me estão a fazer um favor... é o iogurte que quer é o iogurte que vai ter.

- A Joana costuma ter problemas na alimentação?

- Não sei, desde quarta-feira que lhe davam uma papa esquisita ao lanche que ela não gostava.

- E como é que teve acesso a dietista para resolver esta situação?

- Agora pedi, mas logo desde que entrei, por eu ter questionado se podia trazer comida de casa, no dia a seguir veio uma dietista perguntar-me o que é que a Joana comia em casa para se fazer uma alimentação idêntica. Só que depois aquilo não resultou era na mesma a sopa mas não era muito parecida e depois teve que vir a dietista para eu lhe pedir mudar a papa para o iogurte. Mas pronto, de resto...

- E diga-me uma coisa, que dificuldades é que sentiu desde que entrou, no internamento, em relação às alterações que surgiram na sua vida, portanto, deve ter havido algumas alterações...

- Todas, todas, não é! Desde o ter que deixar de trabalhar, não é? Desde o ter que ir a casa num bocadinho tomar banho, porque então para mim isso é do pior. Acordar e não poder ir tomar um banhinho, não poder... As coisas mais simples que uma pessoa faz e não pensa que fazem tanta falta, mas sinto falta claro! Eu passo aqui a minha vida dentro do hospital e vou num bocadinho tomar um banho, mudar de roupa, fazer qualquer coisa que preciso em casa, e ter que voltar; é complicado. O dormir num cadeirão... [risos]

- E que dificuldades é que sentiu?

- Muitas, mas é pela minha filha que eu faço, porque por mim própria não fazia. Já me tinha ido embora, já... porque eu também sou um bocado assim, então com este pânico que eu tenho de hospitais. Mas, lá está tenho que ir buscar forças a algum sítio porque é pela Joana e acho que tenho que deixar um bocadinho para trás o... à espera que ela fique bem. Por isso, acho que... são coisas que se vão superando no dia-a-dia.

[Pausa]

- Lá está... é o conversando com outras pessoas, o ver que a Joana e o tratamento da Joana é o mais importante que isso tudo e deixar o meu medo um bocado para trás. Não, e ter um marido que me ajuda em tudo e uma família ótima que me está sempre a dizer que fica para eu ir dormir. Então, é por aí vão ficando...

- E de que forma é que vão ajudando, como é que sente, o que é que sente ao darem esse apoio?

- Dão-me conselhos. Lá está, para ter forças para ajudar a Joana tenho que me alimentar, tenho que dormir, tenho que sair, tenho que arejar, também o... [pausa] o oferecerem-se para ficar a dormir cá, não é? Para eu ir a casa ou para ir descansar. Em tudo, acho que, graças a Deus.

- E em termos de vida pessoal, profissional, este internamento que alterações é que trouxe?

- É assim... Eu estava a trabalhar há pouco tempo, mas tive sorte porque (...) e tive muita sorte porque as pessoas... claro que eu telefonei e disse que não sabia por quanto tempo ia estar ausente e por isso mesmo eu percebia perfeitamente se tivessem que ocupar o meu lugar com outra pessoa. Mas não, disseram que esperavam por mim o tempo que fosse preciso e por acaso eu fiquei muito agradecida. Eu própria é que não sei se tenho que acabar por dispensar o trabalho, porque eu não sei o que me vai acontecer quando eu sair daqui, não é. Porque há-de haver um dia que eu vou sair, que eu posso ir para casa, mas depois disso é que só vendo, até lá... não sei como é que a Joana vai ficar, do que é que a Joana vai precisar e pronto. E depois vou pensar na minha vida profissional, eu prefiro abdicar disso e cuidar da Joana porque por mais falta que o dinheiro faça, é complicado... principalmente arranjar trabalho lá na Quinta do Conde. Eu não faço ideia quantas vezes é que me vão pedir para eu vir aqui, não é. Imagine que são três vezes por semana, é impensável faltar três vezes por semana ao trabalho, é impensável. Portanto é aquela expectativa...é tudo... Também sei que vou ficar muito contente no dia em que me mandarem embora, aliás estou à espera que chegue segunda-feira para receber uma boa notícia, que espero que seja uma boa notícia, mas depois também vai ser aquele impacto do ir embora. A pessoa aqui, qualquer coisa, vêm ao quarto tratar da Joana não é? Está perto... e vai ser assim um grande choque também quando sair daqui, mas isso vou pensar quando sair. Tudo isto é muito complicado, eu nunca pensei... Nós nunca pensamos que isto possa acontecer a nós ou a alguém que é nosso. Tem sido muito complicado porque aconteceu tudo muito rapidamente e nós nem temos tempo... Então nessa... nisto de queimaduras, que é uma coisa que num instante acontecem, mas que demora tanto tempo a curar, não é? Tem que ser

um dia de cada vez aqui dentro... e lá fora também terá que ser. Era bom que a Joana saísse daqui e nunca mais precisasse... mas de facto já me disseram que não; vai precisar de fisioterapia, de acompanhamento médico e mesmo nós temos que fazer algum trabalho de casa, entre aspas, como isto da cicatrização é uma coisa muito difícil e temos que, e temos que ajudar a Joana, ainda não percebi, mas depois hei-de perceber quando agora virem como ela está. Porque o crescimento da pele tem que ser feito de uma maneira, e todos temos que ajudar para que isso aconteça, não é?

- Mas estava a dizer “trabalho de casa”...

- Trabalho de casa, o fazer em casa os exercícios nos dias que não venho com a Joana ao hospital, não é? Os alongamentos e os fatos que eles disseram que ela tem que levar, fatos de compressão, acho que é isso...e pronto. Ela não poder ir à praia durante uns anos, acho que é... a pessoa tem pena mas temos que a pôr boa (...)

- E diga-me, que alterações aconteceram na sua vida desde o acidente... Como é que resolveu essas alterações? Como é que veio para o hospital e começou a ficar cá, como é que resolveu a sua vida lá fora?

- Foi tudo assim, na hora. Como viemos ao hospital e disseram que tinha que ficar internada prontos, já não saí de cá nesse dia, não é? E depois, pronto, no primeiro dia também não queria sair daqui, não é? Porque isto era tudo uma novidade. Eu pedi ao meu marido para ele me ir trazendo coisas de casa, ao princípio foi assim, pedi para ele ir ao meu trabalho dizer que me tinha acontecido um acidente. E pronto, depois também comecei a ver que, que alguém me podia substituir e ainda por cima eu ajudava as pessoas e fazia questão, sempre fiz questão de estar presente na hora do penso, que eu de qualquer maneira não podia sair daqui... Depois comecei aos pouquinhos, depois do penso ou depois do almoço, a ir a casa buscar objectos pessoais, coisas que me faziam falta aqui, fui ao trabalho. E, assim, aos bocadinhos fui fazendo, como tenho feito, não é? Nos buraquinhos tenho feito alguma coisa que preciso, ir ao banco, ir às compras, lavar roupa. Mas pronto, tem sido tudo muito devagarinho e por pouco tempo.

- Diga-me uma coisa, em relação às queimaduras, a Joana alguma vez se tinha queimado antes?

- Nada, o problema é que eu não conhecia ninguém. Nós depois acabamos sempre por... depois de isto acontecer, assim que começamos a falar com as pessoas, há sempre... a pessoa tem sempre uma história para contar, ou um amigo ou um familiar... às vezes na própria família, coisas que não foram muito graves. Ainda no outro dia a minha tia comentou: “olha, afinal a tua prima também se queimou quando era pequena e ficou...”. Mas estava

completamente... aliás, era uma coisa que há pouco tempo tinha visto numa entrevista na televisão e eu lembro-me de ter comentado: “realmente, isto é falta de cuidado... as pessoas deixam, então não se vê tão bem?”; e eu bati na boca e nunca mais na minha vida vou repetir seja o que for, porque numa questão de segundos... E eu acredito que sou boa mãe, não é? Tenho que acreditar porque nunca quis o mal da Joana, nem de ninguém... tomei conta de irmãos pequenos, de primos, tive sempre gente em casa... Nunca me tinha acontecido, graças a Deus, nada e logo por azar foi-me acontecer com, por azar foi com a minha filha. Mas estava completamente a zeros em relação... fazia-me impressão quando ouvia que uma grande percentagem dos acidentes domésticos era de queimadura, não queria acreditar e achava que era uma coisa que estava muito longe de acontecer. E, às vezes, em segundos os acidentes acontecem. Nunca, não me lembro assim de nada tão grave, nem com familiares, nada, nada. E a sensação de culpa é indescritível, é muito mau mesmo...

- E trouxe algo de novo em relação aos cuidados a prestar numa queimadura, à prevenção?

- O meu marido foi logo à Internet, e por acaso, ontem a Catarina, que saíram hoje, trouxe-me um livrinho sobre os primeiros socorros de tudo. O que é que se deve fazer logo em casa ou na rua, seja onde for, antes de chegar ao hospital, sobre tudo, queimaduras, insolações, tudo, tudo...

[...]

- Claro, fiquei muito agradecida e, se calhar se tivesse... mas eu não podia ter feito muito mais em casa, não é... além de por água fria. Também acho que não podia fazer muito mais, mas é sempre uma boa ajuda termos algo para completar, não é? Sobretudo uma coisa que não sabia mesmo o que é que... Lembrei-me de lhe por água, porque claro, não é? Depois também li que também se pode por soro, mas na aflição, claro, uma pessoa... se está queimado lembrei-me de por água antes de vir para a rua, mas pronto, foi só. Também não sabia assim nada, era uma coisa que... Também por nunca ter contacto com, felizmente, com essas situações.

[...]

- Pois, também ajuda bastante, não é, porque eu também já disse que agora não vou para casa sem protecções. Isso foi uma médica que me disse quando entrei, também não levei a mal, porque também não houve tempo, que me disse que era pouco inteligente por ter a minha filha na cozinha, se eu não sabia que os bebés, que as crianças não iam para a cozinha, são opiniões, não é? Há quem não possa ter as crianças no quarto, e estão na cozinha... se

calhar se os deixasse lá dentro sozinhos não se queimam, mas pode-lhes acontecer outra coisa, mas pronto. Depois fiquei a pensar porque a médica até disse se eu não conhecia as cancelas; eu conheço perfeitamente, por acaso não hei-de ir para casa sem uma cancela na cozinha. Mas depois há outros perigos, não é, de os deixar do lado de fora, mas pronto, é uma boa dica. Nem que seja para ir dois minutos à cozinha, ela escusa de entrar. E vou, vou por isso e aproveito e ponho já as protecções nas tomadas que ainda não as tinha, e também já ouvi histórias em relação a isso; a pessoa fica sempre a pensar quando sai daqui. Além disso, com mais alguns medos, mas também vai mais alertada e acaba por, pelo menos poder prevenir outros acidentes, não é? “Ah! Ela ainda não chega”, ah não... Então agora vou para casa com outras ideias, mais alertada e vou prevenir... o que posso.

- E essas ideias surgiram... foram contadas por alguém?

- Pelas histórias que fomos ouvindo, não é? Também ouvi histórias sobre meninos que se queimaram com sacos de água quente, que eu nunca vi uma coisa tão simples e que realmente pode acontecer, os sacos rebentarem. Eu por acaso utilizava sacos de água quente e nunca mais utilizei, por exemplo, percebe? Pelas histórias das outras pessoas nós conseguimos pelo menos tentar evitar... algumas coisas. E é a pesquisar na Internet, o meu marido esteve a pesquisar. Depois também logo quando ela foi queimada a nossa dúvida era qual é que era o grau mais grave, se era o terceiro se era o primeiro; e depois de uma pessoa lá ir vai-se pesquisando e acaba-se por pesquisar mais coisas. E depois no outro dia, mandei uma mensagem ao meu marido: “que chatice, acho que há aqui um menino com escarlatina” e ele foi logo pesquisar se a escarlatina se pegava, e viu mais coisas, teve mais curiosidade em pesquisar, em procurar. É pena que tenha que ser assim, não é? Se calhar foi uma lição, um alerta. Foi uma coisa que podia ter sido muito pior, consigo ver isso perfeitamente, que há miúdos muito piores que a Joana (...) Ainda por cima não estava à espera de ela ter que ser enxertada, e agora é aquela ansiedade até segunda-feira, ver se pegou... Não vou pensar noutra coisa...

- Falou no enxerto... Ela foi enxertada, explicaram-lhe o que era o enxerto?

- Explicaram tudo. Sabia que o enxerto, não é? Era tirar pele de um sítio e por noutro, mas pronto, não sabia muito mais do que isso, não sabia de onde é que seria tirado, mas explicaram-me tudo... que iam tirar um bocadinho de pele do braço para por no pescoço e que... prontos! Essas coisas, enfim tínhamos que esperar para ver então se a pele começava a pegar, não é? Pra ver se a pele não é rejeitada, a pele sendo do corpo, não é? Às vezes até resulta, mas sim, explicaram-me. Às vezes nós temos que insistir um bocadinho, mas pronto, nós também somos os interessados, às vezes. Lá está, é porque é com a Joana, porque acho que tenho muita falta de paciência e se as coisas fossem comigo,